

## Vinícius Lummertz\*

### O Brasil subiu e as novelas ficaram

O Brasil mudou de lugar ao longo das últimas décadas, ainda que de forma desigual, incompleta e marcada por contradições persistentes, mas as novelas, em grande medida, continuam onde sempre estiveram, apoiadas em uma estrutura narrativa que se repete com poucas variações e que parece cada vez menos capaz de dialogar com o país que emergiu fora da tela.

Há mais de meio século, a teledramaturgia brasileira se organiza em torno de um mesmo eixo: o casarão, a família ampliada, a elite que herda poder e a convivência entre classes mediada por relações pessoais, compondo um retrato que dialoga com o imaginário de Casa-Grande & Senzala, no qual as relações sociais se estruturam mais pela proximidade do que pela mobilidade.

Modernizaram-se cenários, linguagem, costumes e estética, mas o essencial permaneceu praticamente intacto. A estrutura social segue pouco dinâmica, a mobilidade raramente ocupa o centro da narrativa e o poder dificilmente se desloca de forma efetiva ao longo dos capítulos. O casarão mudou de endereço, mas não de lógica.

Nesse ambiente, a elite costuma ser apresentada como um espaço de conforto, muitas vezes dissociado do esforço produtivo, enquanto os conflitos se concentram em intrigas pessoais, disputas afetivas e ressentimentos familiares. Os núcleos populares surgem como contraponto simpático, com personagens frequentemente retratados como satisfeitos, sem que haja transformação real que espelhe o esforço cotidiano de milhões de brasileiros.

O resultado é uma dramaturgia da imobilidade e, mais do que isso, uma dramaturgia que abdica de representar aquilo que milhões de brasileiros desejam enxergar em si mesmos: a possibilidade concreta de superação, de mudar de patamar e se tornar classe média próspera.

O país real não ficou parado. Ao contrário das novelas, moveu-se e passou a expressar, de forma difusa, mas consistente, uma vontade de ascensão que atravessa diferentes camadas da sociedade e se materializa, sobretudo, no mundo do trabalho.

Hoje, o Brasil supera 100 milhões de pessoas ocupadas, e mais de 70% dos empregos formais estão ligados a micro, pequenas e médias empresas, enquanto os pequenos negócios respondem por cerca de 30% do PIB e sustentam a renda de dezenas de milhões de famílias. São mais de 15 milhões de microempreendedores individuais, muitos vivendo ciclos contínuos de tentativa, erro e recomeço, em uma dinâmica que revela uma busca persistente por mobilidade social.

Essa mobilidade não ocorre em saltos espetaculares, mas em movimentos lentos e acumulativos, muitas vezes medidos em anos de trabalho, em meses de esforço contínuo, em pequenas conquistas que, somadas, permitem

a milhões sair da vulnerabilidade para uma condição mais estável.

É justamente essa lógica de superação gradual, imperfeita, mas real, que permanece sub-representada nas novelas, embora existam milhões de casos concretos todos os dias.

O Brasil que trabalha, empreende, se endivida, se reorganiza e insiste em avançar aparece pouco como protagonista. A classe média emergente, os profissionais liberais e os pequenos empresários permanecem periféricos, como se a mobilidade fosse exceção, quando, na prática, se tornou uma das principais forças silenciosas da sociedade brasileira.

Nas tentativas de atualização, a dramaturgia realizou um movimento incompleto: saiu da imobilidade para a violência, introduzindo tensão e realismo, mas deixando ausente o elemento central das grandes narrativas, a transformação sustentada pelo esforço.

Essa ausência não é apenas estética, é cultural. Ao não representar a mobilidade social como processo possível, a dramaturgia enfraquece a ideia de superação como horizonte coletivo e reduz o espaço simbólico onde o brasileiro pode se reconhecer como agente de mudança.

Enquanto isso, outras esferas culturais passaram a ocupar esse espaço, como o crescimento das igrejas evangélicas e a difusão da teologia da prosperidade, que oferecem uma narrativa direta de ascensão, conectando fé, disciplina e melhoria de vida.

O mundo mudou, o público mudou e o Brasil também mudou. Há hoje um país que já não se reconhece plenamente no modelo do casarão e da intriga permanente, mas que busca histórias que reflitam sua luta concreta por mobilidade.

As novelas não perderam só talento, mas perderam sintonia. A saída não está em abandonar sua tradição, mas em recolocar no centro da narrativa aquilo que hoje define o Brasil real: a superação como processo e a mobilidade como possibilidade.

Porque não basta mostrar desigualdade, é preciso mostrar movimento. Não basta mostrar conflito, é preciso mostrar transformação. Não basta mostrar violência, é preciso mostrar caminhos.

Se conseguirem fazer isso, poderão manter parte do lugar central que tiveram por tanto tempo, não apenas como entretenimento, mas como expressão viva de um país que, apesar de todas as dificuldades, continua, com barulho ou silenciosamente, tentando subir. É o que mantém o país à tona.

**\*Vinícius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**

## EDITORIAL

### Campinas é vitrine em ano eleitoral

Em ano eleitoral, nenhum gesto institucional é neutro. Muito menos a escolha de uma metrópole para sediar um encontro estratégico como o Fórum Paulista de Mobilidade Urbana. Quando Campinas recebe dirigentes de dezenas de municípios e até de outros estados, o que está em jogo vai muito além da troca técnica, esse fato carrega também, inevitavelmente, um componente político que não pode ser ignorado. A vitrine então é montada. Ao apresentar estruturas, como o Centro de Controle Operacional e os sistemas de inspeção veicular, a cidade não apenas compartilha experiências como também projeta uma imagem de eficiência e modernidade. Em um cenário no qual a mobilidade urbana pesa cada vez mais na avaliação do eleitor, mostrar resultados concretos ganha valor eleitoral indireto.

Não se trata de desmerecer a importância técnica do encontro. Longe disso, ela existe e é relevante. Afinal, trocas de ideias, discussão sobre financiamento do transporte público e debate sobre inovação são fundamentais para os municípios que enfrentam problemas semelhantes. Contudo, em política, o contexto redefine a leitura. E o calendário eleitoral impõe uma camada adicional de interpretação. Receber mais de 200 participantes de 70 cidades também significa atrair os olhares. Gestores locais se tornam anfitriões, suas políticas

públicas entram em observação e, ainda que informalmente, passam a ser avaliadas por pares e potenciais replicadores. Sem dúvida, trata-se de uma oportunidade de consolidar reputação, algo valioso em qualquer momento, mas especialmente estratégico quando o voto se aproxima.

Ao mesmo tempo, o encontro evidencia uma prática que deveria ser regra, não exceção: a continuidade administrativa. Projetos de mobilidade não nascem nem amadurecem em um único mandato. Eles exigem planejamento de longo prazo, investimento constante e, sobretudo, estabilidade de diretrizes. Em ano eleitoral, esse é um ponto sensível, e o risco de descontinuidade sempre ronda.

Assim, sediar o Fórum diz respeito também ao reconhecimento técnico de Campinas. Sendo ainda um teste político, um teste de coerência entre o que se exhibe e o que se sustenta ao longo do tempo. Porque, passada a vitrine, o que permanece, e o que o eleitor tende a cobrar, é a capacidade de transformar boas práticas em políticas duradouras.

No fim, o encontro deixa uma mensagem que ultrapassa o evento: mobilidade urbana não deveria ser pauta de ocasião. Mas, em ano eleitoral, acaba sendo também um termômetro e uma poderosa ferramenta de narrativa.

## Opinião do leitor

### Apoio

Papa Leão XIV reage e diz que “não tem medo” de Trump: “Vou seguir firme contra a guerra, há um caminho melhor”. Meu total apoio ao Papa, ainda que tão pequeno. A paz é possível...

*José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal*

### O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



#### HÁ 95 ANOS: GOVERNO É NOTIFICADO DA INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA NA ESPANHA

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de abril de 1931 foram: Governo Provisório é notificado da instauração da República na Espanha. Câmara dos Comuns inglesa rejeita a moção de des-

confiança ao governo MacDonald por 305 votos. Corte italiana de luto com a morte do Duque de Gênova. Vargas saúde a família real britânica pela passagem ao Brasil e deseja boa viagem na volta.

#### HÁ 75 ANOS: MENDES DE MORAES PEDE DEMISSÃO DO CARGO DE PREFEITO DO DF

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de abril de 1951 foram: Tropas Aliadas ocupam, sem usar armas, a Linha Maginot na Coreia do Norte. General Mendes de Moraes pede demissão do cargo de prefeito do Distrito Federal. Comissão do PTB da Bahia é aconselhada a pedir renúncia. Ministro do STF Laudo de Camargo é homenageado pelo Tribunal de Justiça do Espírito Santo

### Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.